

O TRABALHO E A LINGUAGEM NA CONSTITUIÇÃO DO SER HUMANO

Jandecir Pereira Rodrigues¹

Rivadavia Porto Cavalcante²

Jair José Maldaner³

RESUMO

O presente artigo, baseado na concepção marxista, evidencia que as categorias trabalho e linguagem são bases ontológicas para o desenvolvimento do homem. Destaca a relevância da formação humana omnilateral no Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e a produção da linguagem assume papel relevante no trabalho e na vida dos estudantes. Elaborou-se uma análise de como se dá a prática do ensino textual em turmas do ensino médio integrado do Instituto Federal do Tocantins. Aborda-se o papel da linguagem na formação do sujeito e defende a inserção dos gêneros textuais no processo de ensino-aprendizagem da linguagem já que eles colaboram no desenvolvimento linguagem auxiliando o indivíduo no processo de sua constituição como ser social e no seu trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; gêneros textuais; trabalho e educação.

WORK AND LANGUAGE IN THE CONSTITUTION OF HUMAN

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. IFTO/Campus Palmas, do Instituto Federal do Tocantins – IFTO.jandecir.rodrigues@ifto.edu.br

² Doutor em Linguística, docente do Programa de Pós-Graduação Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. IFTO/Campus Palmas, do Instituto Federal do Tocantins – IFTO. riva@ifto.edu.br

³ Doutor em Educação, docente do Programa de Pós-Graduação Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. IFTO/Campus Palmas, do Instituto Federal do Tocantins – IFTO. jair@ifto.edu.br

ABSTRACT

This article, based on the Marxist concept, seeks to show that the categories of work and language are ontological bases for the development of man. Shows the relevance of the omnilateral human formation in High School integrated to the professional and Technological Education and the language production play a relevant role in the work and in students' lives. An analysis of how the practice of textual teaching occurs in integrated high school classes has been elaborated of the Federal Institute of Tocantins. Addresses the role of language in one's formation and defends the inserting textual genres into the language teaching-learning process since they collaborate in the development of the language, assisting the subject in the process of his constitution as a social being and at his work.

KEYWORDS: Language; textual genres; work and education.

INTRODUÇÃO

As categorias trabalho e linguagem são fundamentais para a formação do ser humano, ambas constituem histórica e socialmente o homem, moldando suas relações sociais e sua subjetividade, sendo consideradas, portanto, as principais características que distinguem a espécie humana dos demais animais.

As asserções postas nesta parte introdutória do estudo encontram respaldo em Lukács (1996, p. 1), que nos elucida que o homem é, ao mesmo tempo, sujeito histórico e sujeito social. Assim sendo, na busca de uma compreensão mais holística acerca de seu desenvolvimento, é preciso que se leve em conta a apreensão de categorias decisivas como o trabalho, a linguagem, a cooperação e a divisão do trabalho. Estas, por sua vez, possibilitam novas relações que promovam o despertar da consciência do humano sobre si e sobre a realidade em que está inserido.

Por conseguinte, infere-se que não se pode construir inteligibilidade sobre o humano tratando tais categorias isoladamente. Nesta visão, o homem é produto e processo da história, que age e interage por intermédio do trabalho -atividade vital- que possibilita não apenas sua subsistência, mas igualmente sua capacidade de criação e de

desenvolvimento intelectual possibilitado, quando da apropriação dos construtos da linguagem, principalmente nas e pelas relações estabelecidas no trabalho e nas interações com seus iguais.

Posto isso, a linguagem é uma atividade ontológica do ser social, e é conveniente aproximá-la, associá-la a de trabalho, uma vez que a linguagem propicia aos indivíduos participação social, pois é por meio dela que eles se comunicam, obtêm informações, expressam seus pontos de vista, interagem com os seus semelhantes e difundem a produção de seus conhecimentos ao longo da história.

Rossi-Landi (1987, p.64-67) nos apresenta a necessidade de compreender que as palavras e/ou os atos comunicativos não estão desvinculados das atividades laborais, visto que são frutos da produção do trabalho humano, isto é, um tipo “de trabalho humano linguístico”. Esta assertiva traz à tona o fato de que trabalho e linguagem atribuem sentidos sobre a definição do homem na qualidade de ser falante e ser trabalhador, aquele que produz instrumentos materiais e objetos semióticos - as línguas, os textos, os símbolos, os gestos entre outros - para agir e interagir socialmente, produzir e reproduzir conhecimentos, ao longo da trajetória sociocultural da humanidade, o que, por sua vez, o diferencia dos animais. Este tipo de produção o constitui como ser social, possibilitando, historicamente, sua própria formação.

O presente estudo tem como objetivo principal colocar em discussão as categorias trabalho e linguagem e a importância de suas relações com a cultura e a ciência para uma proposta de ensino omnilateral no campo da Educação Profissional e Tecnológica - EPT. O problema do qual trata o presente estudo tem sua origem na observação de como trabalho e linguagem estão representados e organizados nas proposições didático-pedagógicas para a construção do perfil do egresso em documentos organizadores - Projeto Pedagógico de cursos – PPC do ensino médio integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins-IFTO.

Além disso, objetivamos ainda examinar teoricamente a função da linguagem na formação profissional e de como o processo educativo do ensino mediado pelos instrumentos languageiros - os gêneros de textos/discursos - auxiliam o trabalho didático do educador nessa modalidade de formação.

No levantamento dos referenciais sobre a temática do estudo, observamos a escassez de pesquisas sobre as duas categorias aqui evocadas em documentos

organizadores do ensino médio integrado em EPT, mais especificamente, de como esses dispositivos didático-pedagógicos são colocados em práticas nos eventos de ensino. Por conseguinte, esse vazio impõe dificuldades de compreensão do trabalho de mediação empreendido pelo docente de EPT, ao implementar, via linguagem, o ensino da base dos conhecimentos necessários à formação do profissional do técnico de nível médio. Decorrente desse fato, tem sido notório, no contexto de EPT, a carência de materiais teóricos e metodológicos para a formação continuada de professores. Principalmente, no que concerne ao estudo da formação para o trabalho, mediada pela linguagem e suas tecnologias, buscando articulação com as demais categorias humanas afins. Com vistas a preencher esta lacuna, este estudo está direcionado à construção de um referencial teórico que sirva de subsídios para a investigação dos princípios educativos do trabalho e da linguagem para uma formação profissional mais holística no campo da EPT.

Com o propósito de alcançar os objetivos do estudo, buscamos, primeiramente, fundamentação conceitual, sobre a EPT focalizando os princípios do legado materialista-histórico de Karl Marx, aqui representados nos escritos de Saviani (2007), Ramos (2010), Araújo e Frigotto (2015), Moura, Lima Filho e Silva (2015), entre outros autores. Na parte teórica, tecemos uma breve exposição a respeito do trabalho e da linguagem como fundações ontológicas do homem articulada à abordagem interacionista sociodiscursiva da linguagem de Bakhtin (2006, 2014) e também dos aportes de Vygotsky (2008) retomados pela Escola de Genebra, representados, neste artigo, pelas teorizações de Dolz e Schneuwly (2004), Bronckart (2012), Bulea e Bronckart (2017).

PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia utilizada para a consecução do presente estudo foi o modelo de pesquisa qualitativa e seus objetivos estão direcionados à descrição dos fatos e dos fenômenos que constituem a realidade do contexto do ensino em EPT observado. As representações do trabalho e da linguagem nos documentos organizadores do ensino - Projeto Pedagógico do Curso de Administração integrado ao ensino médio e as atividades de ensino da textualidade do professor de Língua Portuguesa, constituem o foco da investigação.

Para tanto, buscamos orientações na obra de Severino (2016), Marconi e Lakatos (2019) sobre o funcionamento da pesquisa descritiva. Em seguida, procedemos à revisão da literatura especializada da área da Educação, dos estudos da linguagem e dos gêneros de textos, das bases conceituais para a Educação Profissional e Tecnológica e o exame de documentos institucionais, aqui representados pelo Projeto Pedagógico do Curso de Administração integrado ao ensino médio do *Campus* Porto Nacional, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Tocantins-IFTO.

Além disso, realizamos entrevistas semiestruturadas com dois professores de linguagem. O objetivo com este dispositivo de geração de dados foi apreender em que medida as categorias trabalho e linguagem estão representadas em suas atividades de ensino e se as mesmas categorias estão articuladas a elementos culturais e científicos.

Os procedimentos em questão possibilitaram a compreensão dos fatos sociais e políticos que regem a realidade da EPT dos dias atuais, mais especificamente sua configuração normativa, didático-pedagógica e as contradições existentes entre o que é planejado e aquilo que é, *de facto*, ensinado em termos de trabalho, linguagem e suas tecnologias, cultura e ciência no contexto de ensino pesquisado.

TRABALHO E LINGUAGEM: FUNDAÇÕES ONTOLÓGICAS

Trabalho e linguagem são atividades puramente humanas, desse modo, pode se afirmar que unicamente o ser humano trabalha e usa a linguagem como meio de comunicação e de produção dos conhecimentos que vão se acumulando ao longo da história e fomentando o surgimento de outros (BRONCKART, 2012; BAKHTIN, 2014; BULEA; BRONCKART, 2017). Nessa perspectiva, a relação entre trabalho e conhecimento é construída na e pela prática da linguagem que se materializa em gêneros orais e escritos. Na visão dos autores citados, a língua e a linguagem, organizadas em gêneros, são instrumentos sócio e historicamente construídos de acordo com as intenções e convenções coletivas que possibilitam o humano agir e interagir socialmente na construção de seu saber fazer por meio do trabalho seja manual, seja intelectual.

A concepção marxista compreende o trabalho como premissa para que o homem se apresente tal como é: um ser social em constante processo de transformação e destaca

que o trabalho permite a ele transformar o meio natural em que vive e ao fazê-lo transformar sua própria realidade:

(...)um processo de que participam o homem e a natureza; processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza: defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo [...] a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza (MARX, 1999, p. 211).

Conforme demonstrado nos escritos de Marx, o ser humano toma para si a natureza e a adapta às suas necessidades, usa-a, e a transforma e desse modo beneficia a si e a seus semelhantes. A respeito desse pressuposto, assevera Saviani

Voltando-nos para o processo de surgimento do homem vamos constatar seu início no momento em que determinado ser natural se destaca da natureza e é obrigado, para existir, a produzir sua própria vida. Assim, diferentemente dos animais, que se adaptam à natureza, os homens têm de adaptar a natureza a si. Agindo sobre ela e transformando-a, os homens ajustam a natureza às suas necessidades. (SAVIANI, 2007, p. 154.)

Em uma linha de raciocínio convergente com as palavras de Saviani, Frigotto (2009,p. 173-174) enfatiza que, por meio de sua dimensão ontocriativa o homem constrói-se e isso o torna diferente dos outros animais, uma vez que esses não projetam sua existência já “os seres humanos criam e recriam, pela ação consciente do trabalho sua própria existência”, afirma o autor.

Max aborda em seus escritos a questão da centralidade da categoria trabalho e correlaciona a produção do meios de subsistência à consciência, desse modo, vê-se que

o homem faz do seu trabalho, que é “sua atividade vital mesma um objeto da sua vontade e da sua consciência” (MARX, 2004, p. 45). O autor leva a perceber que o homem não faz diferenciação entre sua existência e sua atividade vital e enfatiza também a questão da consciência e da distinção entre homens e demais animais quando diz que:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente (MARX, 1999, p. 211).

Vê-se que o homem não age mecanicamente, ele idealiza antes de realizar suas ações, e essa idealização, essa consciência ao agir determina e é determinada pelo trabalho, que induz o homem a projetar coisas novas, tomar decisões diferentes para solucionar problemas. Na visão de Bakhtin (2014), essa tomada de consciência somente acontece no processo de interação social mediada pela linguagem vigente do momento sócio histórico em que ele está inserido, e sempre vem impregnada de conteúdo ideológico.

Nesse sentido, as proposições de Bakhtin convergem com os princípios de Marx, conforme apontado em seu estudo com Engels sobre a íntima relação existente entre linguagem e consciência.

(...) a linguagem é tão antiga quanto a consciência; a linguagem é a consciência prática, real, que existe igualmente para outros homens, e apenas assim existe para mim também; a linguagem, como a consciência, somente emerge a partir da carência, da necessidade de interação com outros homens (MARX; ENGELS, 1979, p. 43)

Vê-se expressamente relação manifesta por Marx e Engels de que a linguagem se torna a consciência, que se faz presente quando há interação entre os homens. Porém, a

referida interação é possibilitada pela apropriação da linguagem, ingrediente semiótico indispensável do ambiente humano que lhe possibilita participação social na produção e difusão de ideias, a relação com seus iguais, a construção de representações elaboradas pelo desenvolvimento de sua consciência.

A propósito destas assertivas, Marx e Engels (1979, p. 87) apontam que as produções humanas estão “imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real. Logo, infere-se que os elementos linguageiros - a língua, a cultura, os gêneros de textos e os discursos são importantes e necessários para a implementação das relações interpessoais acordadas entre os coletivos profissionais concernentes à divisão do trabalho. Outro aspecto dos mesmos elementos é que eles corporificam e organizam as práticas sociais contribuindo para que as atividades humanas sejam realizadas (BRONCKART, 2012; BULEA; BRONCKART, 2017).

Desse modo, tem-se então que o ato de transformar a natureza por meio do trabalho é tido como reflexivo, uma vez que faz surgir a consciência. Esta, por seu turno, segundo Vygotsky (2008), é possibilitada pela apropriação dos construtos da linguagem os quais despertam o desenvolvimento de capacidades superiores do humano tornando-o apto para agir e interagir no universo das comunicações das esferas sociais de seu tempo.

Além do exposto até o momento, não se pode perder de vista que o trabalho porta, atualmente, distintos sentidos. A esse respeito, os escritos de Saviani (2007, p. 154) trazem contribuições pertinentes a uma ampla compreensão da noção de trabalho que está relacionado à sua função formativa. O homem trabalha e ao fazê-lo constrói sua formação em um processo educativo contínuo. Além da ação educativa da atividade laborativa, desponta igualmente o caráter interativo deste tipo de agir humano, posto que os homens aprendem, produzem sua existência ao interagir com os elementos da natureza.

Aqui se percebe o viés educativo do trabalho, os homens apoderavam-se de forma coletiva da natureza e esse processo que permite ao homem educar-se e transmitir seus conhecimentos para educar outros é possibilitado pela apropriação da linguagem. Enquanto atividade comunicativa, os construtos linguageiros, os enunciados da língua em uso, promovem interação e compreensão nas relações entre os homens. A importância da linguagem para esse processo educativo pelo trabalho é reconhecida por Lessa ao dizer que:

Sem a mediação da fala o trabalho não pode sequer existir, quanto mais fundar o complexo processo que denomina devir-humano dos homens: a fala é indispensável ao processo de acumulação/generalização que caracteriza a continuidade social. (LESSA, 2012, p. 180).

Apreende-se aí a função determinante da linguagem/fala na constituição do ser humano, o que nos permite a compreensão de seu papel fundante na interação social, na sociabilidade entre povos, culturas, trabalho, ciência e na produção do conhecimento humano.

Bakhtin (2014) concebe a linguagem como uma atividade produzida em um meio social e histórico definido, a compreende partindo de sua natureza social e mostra ser necessário estar inserido em uma organização social, para que se desenvolva a consciência e a comunicação. Conceituação que se aproxima de Vygotsky (2008), que considera a linguagem é primeiramente um meio de comunicação social e que delinea a identidade do homem.

Assim, nota-se uma estreita ligação entre trabalho e linguagem e que essa interfere diretamente no desenvolvimento humano já que, por meio dela, o homem concebe conceitos, transmite informações, medeia conflitos, interage socialmente com os outros. Apercebe-se uma relação de interdependência entre trabalho e linguagem que se justifica, conforme Lessa (2012), na necessidade de comunicação entre as pessoas, demandada pela permanente criação de novas situações a partir do trabalho humano.

Desse modo, pode-se dizer que, assim como o trabalho, a linguagem também é fundação ontológica do ser humano, ainda que, de acordo com Marx, o trabalho seja a categoria ontológica central, a linguagem o auxilia no desenvolvimento humano.

PRAXIOLOGIA DA LINGUAGEM E O AGIR HUMANO

Como visto anteriormente a *práxis*, isto é, o trabalho, forma o homem, torna-o singular, auxiliado pela mediação da linguagem, na relação com seus semelhantes. Para Vygotsky (2008) a interação entre os homens é facultada pela linguagem em um determinado ambiente e momento histórico e funciona como instrumento implementador

de suas práticas. Sendo assim, a linguagem e seus produtos (línguas, textos e discursos, cultura, saberes e conhecimentos) são produções exclusivamente humanas e têm o condão de elaborar, estruturar as suas relações sociais.

Buscando aqui uma base de entendimento concreto do que acabamos de mencionar, os pressupostos teóricos da corrente sociodiscursiva de Bronckart (2012) nos revela o caráter eminentemente praxiológico da linguagem. Dito em outros termos, a linguagem é a entidade máxima de significação das práticas humanas. Este postulado nos leva ao entendimento de seu papel central sobre as ações do homem, quando ele participa das atividades sociais (educação, cultura, ciência, tecnologia, lazer, entre outras) de seu universo de existência.

O aporte de Bronckart elucidada que a linguagem e suas tecnologias auxiliam a organização da vida social e o processo de construção do ser humano, o que demonstra o princípio formativo que reside nas relações sociais mediadas pela prática languageira. Isso porque quem utiliza a linguagem age sobre seu semelhante, e ambos, pela interação, numa ação recíproca, modificam-se, assim como também acontece com a categoria trabalho.

De acordo com as ideias de Bakhtin (2014), a subjetividade do ser se constrói na relação com o outro, na interação verbal. Diante disso, a linguagem seria, conforme o autor, o elemento constitutivo do sujeito e a interação verbal é o despertar de sua consciência:

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. (...). Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência. (BAKHTIN, 2014 p. 111)

Assim, esse despertar da consciência não existiria sem a interação verbal, sem a expressão, de modo que falar em constituição do sujeito nos leva a perceber que nos tornamos sujeitos quando interagimos verbalmente, situamo-nos historicamente, relacionamos-nos com o outro, pois, a palavra funcionam como “uma espécie de ponte

lançada entre mim e os outros”, e representa o lugar social de interação entre o locutor e seu interlocutor. (BAKHTIN, 2014 p. 117).

Percebe-se que quanto mais organizadas, diversas e heterogêneas forem as interações verbais estabelecidas pelos indivíduos, mais complexo, diversificado, rico será o mundo interpessoal do sujeito. Verifica-se que a interação verbal, permitida pela linguagem e pelas relações estabelecidas socialmente, é fundamental para que haja transformação do sujeito, do seu meio e dos outros homens.

Bakhtin (2014), quando se refere à questão do despertar da consciência entende que nela há diferentes graus que são orientados pela função do auditório social que cada indivíduo tem e no qual “constroem suas deduções interiores, motivações, apreciações” e estabeleceu que a consciência, está entre o que ele nomeou de “atividade mental do eu” e “atividade mental do nós”.

A consciência mental do eu, explica o autor volta-se “para a autoeliminação, perde sua modelagem ideológica e seu grau de consciência aproximando-se assim da reação fisiológica do animal.” (BAKHTIN, 2014 p. 119). O sujeito com essa consciência tem seu potencial diminuído, sua clareza expressiva prejudicada.

Ao se referir a atividade “mental do nós” o autor esclarece que acontece o contrário do referido anteriormente, pois, quanto mais interação verbal social, mais diferenciação ideológica tiver o sujeito, melhor para o crescimento do grau de consciência, “quanto mais forte, mais bem organizada e diferenciada for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será o seu mundo interior” (BAKHTIN, 2014 p. 117). Essa atividade permite um maior desenvolvimento do sujeito ao propiciar diferentes graus e tipos de modelagem ideológica, de pensamentos e ações.

Para Bakhtin (2014) a linguagem se fundamenta por uma abordagem social, característica que lhe é inerente, a linguagem é compartilhada e a língua se realiza através de um processo de interação verbal que se concretiza no momento da enunciação, que para o autor é o ponto inicial para os estudos sobre linguagem. Afirma Bakhtin “a enunciação não pode de forma alguma ser considerada como individual. [...] a enunciação é de natureza social” (BAKHTIN, 2014 p. 113).

Bakhtin apresenta a sua concepção de linguagem que tem como categoria fundamental a interação verbal e argumenta que as condições sociais de produção de

enunciado que lhe explicitam a forma e o conteúdo, e não o contrário, desse modo observa-se que qualquer que seja a expressão, a enunciação proferida pelo sujeito falante, será determinada pelas “condições reais da enunciação, pela interação, situação social mais imediata” (BAKHTIN, 2014 p. 116) e não por mera vontade individual, expressão da consciência individual. Percebe-se que a enunciação se produz quando as pessoas se organizam socialmente. A palavra, o enunciado unirão o locutor e o interlocutor, é a conexão entre ambos, mas não pertence a nenhum pois é uma construção social. Nessa linha, Marcuschi, (2008, p.20) sugere que o “estudo da interação na linguagem é essencial não apenas para entender seu funcionamento, mas também o surgimento da própria subjetividade”.

Resta claro que a construção do sujeito se dá pela interação com o outro em um determinado ambiente e período histórico. Marcuschi expressa concordância com Bakhtin e Vygotsky pois ambos refletem a língua no campo do discurso em seu contexto sócio interativo.

Diante do exposto fica evidenciado a importância de se trabalhar a linguagem no âmbito do ensino profissional e a necessidade de se formular projetos pedagógicos que atendam às demandas de formação para que o discente consiga, de forma efetiva, comunicar-se com os outros e de articular seus pensamentos pela escrita.

A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA, LINGUAGEM E FORMAÇÃO OMNILATERAL

Tradicionalmente a educação brasileira sempre foi dicotômica, existindo uma formação para o trabalho, destinada às classes menos favorecidas economicamente e uma formação propedêutica, concebida para a classe dominante, a organicidade social, de acordo com Ciavatta (2015, p.85) “reserva a educação geral para as elites dirigentes e destina a preparação para o trabalho para os órfãos, os desamparados”. Nessa perspectiva o histórico da Educação Profissional brasileira mostra que esse ensino sempre esteve associado ao assistencialismo e baseado em uma educação que visava atender às necessidades das classes menos favorecidas economicamente.

Marx e Engels (2004) em seus trabalhos teceram críticas em relação à educação recebida pela classe trabalhadora, uma formação totalmente unilateral e defendiam que

uma formação integral plena somente seria possível em uma sociedade emancipada, livre do modo de produção capitalista vigente à época e que persiste até hoje.

Numa tentativa de superar essa dualidade concebe-se a ideia de uma educação integral, sob a ótica da formação omnilateral, presente nas propostas educacionais que são comprometidas com a emancipação humana. Ramos (2010) compreende a formação integral como algo amplo:

O primeiro sentido que atribuímos à integração expressa uma concepção de formação humana que preconiza a integração de todas as dimensões da vida – o trabalho, a ciência e a cultura – no processo formativo. Tal concepção pode orientar tanto a educação geral quanto a profissional, independentemente da forma como são ofertadas. O horizonte da formação, nessa perspectiva, é a formação politécnica e omnilateral dos trabalhadores e teria como propósito fundamental proporcionar-lhes a compreensão das relações sociais de produção e do processo histórico e contraditório de desenvolvimento das forças produtivas.” (RAMOS, 2011, p. 31).

Compreende-se que a concepção de um processo educativo para uma formação integral abrange todas as áreas da vida do aluno, influenciando-o em seu trabalho, sua cultura, sua visão de mundo, perpassando as paredes da escola e ao modificar o aluno, modifica também o mundo que o rodeia. Nesse sentido, Araújo e Frigotto (2015) entendem a proposta do ensino integrado como um direito de todos ao acesso a um processo formativo que promova o desenvolvimento intelectual e físico dos alunos e favoreça a ampliação de sua compreensão do mundo.

Nessa perspectiva, os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia idealizados para ofertar educação profissional e tecnológica, buscam concretizar essa proposta de ensino integrado e oferecer uma formação integral. Ao ofertarem esse tipo de ensino, os institutos tornam-se atores importantes na formação profissional e técnica de nível médio.

Manacorda (1989) aponta que não obstante a unilateralidade ter destaque na natureza humana, a formação omnilateral é possível pela educação, dessa forma no âmbito da EPT, percebe que o ensino da língua portuguesa, em sua modalidade escrita, contribui positivamente para a formação omnilateral pretendida, pois de acordo com a LDB/1996, seu ensino deve ser compreendido como “instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania” (BRASIL, 2006, p.29). Assim, com o propósito de levantar dados sobre como se dão as práticas didático-pedagógicas para o ensino da produção escrita e formação de sujeitos capazes de agir em diversificadas situações de ação comunicativa, no contexto do Curso técnico de Administração integrado ao ensino médio do *campus* Palmas do Instituto Federal do Tocantins, foi realizada uma entrevista semiestruturada com dois professores do ensino médio.

No âmbito escolar verifica-se que no ensino médio integrado o ensino de leitura e produção escrita deve ser prioridade e deve voltar-se tanto para a formação profissional quanto para o exercício da cidadania, uma vez que a escrita é tão relevante que é reconhecida como meio de inclusão social.

O ensino médio, última etapa do ensino básico, segundo as Diretrizes Curriculares do Ensino Médio (DCNEM) “visa ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 2018, artigo 3). Nessa perspectiva formativa, no âmbito do ensino profissional e tecnológico busca-se desenvolver, de forma integral o estudante, proporcionando-lhe conhecimentos científicos, culturais, éticos, de modo a torná-lo capaz de se adaptar às novas condições que lhe serão impostas em fases posteriores de sua vida.

Infere-se que o atingimento das metas do DCNEM, acima referidas, se faz necessário um trabalho efetivo no ensino da linguagem, e como proposta deste trabalho optou-se pelo ensino da linguagem por meio dos gêneros do discurso.

GÊNEROS DO DISCURSO: INSTRUMENTOS MEDIADORES DO ENSINO

A partir do exposto, compreende-se a necessidade de se melhorar, no processo educacional, o tratamento dado à linguagem, já que a mesma é elemento de constituição do sujeito e orienta suas atividades na realização do trabalho. Assim, diante de sua grande importância, a linguagem não pode ser relegada a um papel secundário no processo de

ensino da língua materna, principalmente na Educação Profissional e Tecnológica, no que concerne à formação de profissionais para o mundo do trabalho.

Tendo em vista que o ser desenvolve a linguagem à medida que interage no seu meio social, a escola como um dos principais ambientes que mais influi na formação do ser via linguagem, não pode desfavorecer o seu ensino, deve antes, proporcionar uma diversidade maior de interações, já que é em seu espaço que se desenvolvem as enunciações públicas das crianças.

Sabe-se que uma das incumbências fundamentais da escola é propiciar a todos os educandos conhecimento e domínio das múltiplas funções da linguagem, nela há, conforme Schneuwly e Dolz (2004, p.78) um ambiente propício ao aprimoramento da linguagem por oferecer múltiplas ocasiões de leitura e escrita, proporcionando interações verbais e contextos produtivos. A escola se apresenta como um local favorável à comunicação pois nela ocorrem, continuamente, situações de interação verbal, produção e recepção de textos.

Em uma sociedade letrada e globalizada como a atual, saber ler e escrever, se comunicar efetivamente é imperativo. Assim a importância da linguagem e o seu ensino para a formação de profissionais é evidente, visto que é imprescindível para a constituição do ser humano contemporâneo.

Nesse contexto, a linguagem é concebida como um lugar de interação do ser humano, de acordo com Bronckart (2006) ela se apresenta como uma atividade e deve ser no qual a linguagem:

A linguagem humana se apresenta, inicialmente, como uma produção interativa associada às atividades sociais, sendo ela um instrumento pelo qual os interactantes, intencionalmente, emitem pretensões à validade relativas às propriedades do meio em que essa atividade se desenvolve (BRONCKART, 2006, p.34).

Esse construto teórico diz respeito a questões que se propõem a interpretar a ação humana enquanto intervenção no mundo através da linguagem, que ocorre através da produção de textos verbais, que podem ser orais ou escritos. Assim, o interacionismo

sociodiscursivo propõe que para apreender as atividades humanas deve falar sobre elas, não apenas observar ou reproduzir determinadas ações.

Tendo em vista esses aspectos, Marcuschi (2008, p. 155), em concordância com as ideias de Bakhtin, admite que “as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua, que se efetiva através de enunciados (orais e escritos), concretos” que são construídos nas e pelas interações dos coletivos das distintas esferas da sociedade. Marcuschi (2008) esclarece que não se pode tratar o gênero independente de sua realidade social.

Ademais, para ratificar a importância dos estudos dos gêneros, Marcuschi (2008 p.154) diz que quando “dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”.

Marcuschi, (2008, p.20), em conformidade com a concepção bakhtiniana, evidencia que o uso e o funcionamento significativo da linguagem se concretizam em textos, discursos produzidos e recebidos em situações da vida cotidiana e realizados em gêneros que circulam pela sociedade.

Para Bakhtin (2006, p. 283) os gêneros do discurso são os tipos estáveis de enunciados elaborados para utilização da língua, são modelos comuns a todos os indivíduos. Os gêneros chegam a cada um através de enunciados concretos, das interações verbais vividas. As pessoas interagem, ouvem, falam e assim reproduzem os gêneros, que moldam o discurso dos falantes. O autor, categoricamente, afirma que, “se os gêneros do discurso não existissem, e nós não os dominássemos, se tivéssemos que criá-los pela primeira vez no processo do discurso” sem a liberdade de elaborar nossos próprios enunciados, quase não existiria comunicação na vida social (BAKHTIN, 2006, p. 283).

De acordo o autor, os gêneros tornam a comunicação humana possível e que a sua padronização se faz necessária. Dessa forma infere-se que um ensino significativo da linguagem deve tomar como objeto os mencionados gêneros do discurso ou textuais, pois aí se proporcionará ao aluno desenvolver as competências de falar, escrever e se comunicar bem nas situações concretas. O autor analisa os gêneros a partir da sua historicidade.

Há pessoas que dominam umas espécies de gêneros e outras não, e isso não significa falta de vocabulário ou de estilo, significa pouca habilidade ou desconhecimento com o gênero em questão, mas Bakhtin (2006, p. 285) ressalta que “quanto melhor

dominamos os gêneros, tanto mais livremente os empregamos, descobrimos neles a nossa individualidade, refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação”.

E a escola, por meio de atividades organizadas pode oportunizar o ensino dos gêneros aos aprendizes. Nessa perspectiva, Schneuwly e Dolz (2004), dão importante contribuição para o ensino dos gêneros, seus estudos são baseados concepção de linguagem proposta por Bakhtin e na de aprendizagem proposta por Vygotsky (2008). Os autores (2004, p. 49) defendem um ensino da linguagem que privilegie a comunicação dos aprendizes de modo a “prepará-los para dominar a língua em situações variadas”.

Desse modo percebe-se que através dos gêneros as práticas de linguagem se concretizam nas atividades dos aprendizes. Diante do exposto, trabalhar os gêneros textuais, em sua modalidade escrita ou oral, é uma forma de promover um aprendizado significativo para os alunos, de modo a fazê-los compreender que dominar habilidades da linguagem, não só os prepara para ter um bom desempenho escolar, como também desenvolvem-nos como sujeito, pois, conforme vislumbra Vygotsky (2008) a linguagem tem fator determinante no desenvolvimento da pessoa em termos de sua autonomia, de seu pensamento consciente, sua identidade pessoal e profissional.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente estudo girou em torno da busca de entendimento de como tem ocorrido as práticas didático-pedagógicas do professor de Língua Portuguesa, no contexto de ensino da produção de textos no âmbito da EPT e, para isso, foi realizado, primeiramente, análise do Projeto pedagógico Curso técnico em administração-PPC/Técnico em Administração e entrevistas semiestruturadas com dois docentes do ensino médio integrado do *Campus* Porto Nacional-IFTO.

Na análise feita do referido PPC foi observado que o perfil do profissional em formação, as competências e habilidades a serem desenvolvidas no curso contemplam a tríade trabalho, ciência e cultura. Porém, os construtos linguageiros pressupostos ao desenvolvimento humano e profissional do aluno estão parcialmente contemplados. O ensino da norma culta da Língua Portuguesa, conforme demonstrado, na tessitura discursiva do excerto do documento orientador da prática do professor de linguagem,

revela que a modalidade linguística priorizada, no curso, se referem à cultura da classe dominante, deixando de fora a possibilidade de explorar os conhecimentos de mundo do aluno. O Quadro 1, a seguir, mostra a delimitação do estatuto social do idioma a ser trabalhado no contexto de formação profissional observado.

Quadro 1 - Articulação trabalho e linguagem no PPC/Técnico em Administração, IFTO

O perfil do Técnico em Administração:
Um profissional que executa: funções de apoio administrativo; protocolo e arquivo; confecção e expedição de documentos administrativos; controle de estoques; opera sistemas de informações gerenciais de pessoal e material; utiliza ferramentas da informática básica; presta suporte às operações organizacionais; aplicar os conhecimentos científicos e tecnológicos construídos, reconstruídos e acumulados historicamente; ter senso crítico; impulsionar o desenvolvimento econômico da região, integrando a formação técnica ao pleno exercício da cidadania
Competências e habilidades a serem desenvolvidas
Dominar linguagens: dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica e das línguas espanhola e inglesa

Fonte: Adaptado do PPC/Técnico em Administração, IFTO, p. 13.

Sendo a Língua Portuguesa o idioma nacional e a língua comum à população brasileira, no campo das profissões, a produção da língua, tais como os gêneros de textos, assume papel relevante na consecução do trabalho de profissionais. Por esta razão, o currículo da EPT deveria considerar as categorias essenciais ao desenvolvimento humano e profissional integrando a linguagem como elemento implementador das práticas sociais, conforme os pressupostos teóricos e conceituais já invocados (ROSSI LANDI, 1987; LUKÁCS, 1996; VYGOTSKY, 2008; BRONCKART, 2012; BAKHTIN, 2014).

Ademais, conforme os aportes de Moura, Filho e Silva (2015, p. p.1063), as categorias mencionadas devem compor “o princípio educativo” de uma formação unitária, sem excluir os saberes já construídos pela cultura dos povos à longa história.

A seguir, as falas dos Professores entrevistados (doravante P1 e P2) revelam como o ensino da linguagem está representado na implementação do trabalho de ensino das bases tecnológicas da Língua portuguesa.

Os professores participantes do estudo argumentam que os alunos têm dificuldades “na construção do texto, na organização das ideias, escrevem pouco em virtude de desconhecimento do tema e da pouca leitura que fazem” (P1).

Observa-se, no discurso dos docentes que os elementos linguageiros “textos, escrita, tema, leitura” (P1 e P2) não são apropriados pelos alunos, haja vista que o conteúdo priorizado visa a atender a modalidade padrão da língua da classe dominante, aqui representada por um ensino centrado em normas gramaticais. A situação observada indica baixa produtividade da linguagem, conforme demonstrado nos excertos, a seguir.

- “trabalho também os conectivos e conjunções, elementos de coesão” (P1)
- “o livro tem conceitos gramaticais pouco explorados e que utiliza outros livros e gramáticas” para ministrar suas aulas (P2).
- “a quantidade de aulas não é suficiente e que pelo fato de os professores ministrarem aulas em muitas turmas não conseguem propor mais que dois textos com as devidas correções, por bimestre”. (P1 e P2).

Observa-se que o ensino da produção textual argumentativa está centrado no eixo gramatical, o que exclui a possibilidade de produção dos textos e discursos necessários ao desenvolvimento crítico do aluno, que segundo Marcuschi (2008), Bakhtin (2014), Bulea e Bronckart (2017), são bases essenciais para despertar a consciência do humano, o que lhe possibilita agir com autonomia no trabalho e nas demais atividades sociais.

Acerca do exposto, os dois professores destacam a falta de leitura como problema grave, mas em suas falas não apontaram como buscam solucioná-lo nos eventos de ensino, além disso, tanto o ensino quanto a aprendizagem de produção de texto dissertativo-argumentativo requerem conhecimentos prévios do mundo ordinário do aluno.

Tendo em vista que o ser desenvolve a linguagem à medida que interage no seu meio social, o ambiente educacional não pode deixar de favorecer o seu ensino, deve antes, proporcionar uma diversidade maior de interações verbais, já que é em seu espaço que se desenvolvem as enunciações públicas dos jovens educandos.

Ter da língua oral e escrita é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, “a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso

aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos”. (BRASIL, 1997, p. 15).

A educação profissional e tecnológica - EPT visa o desenvolvimento de capacidades com a finalidade de preparar o aluno para vida produtiva e social de modo a possibilitar-lhe a inserção no mercado de trabalho. Assim, o trabalho de formação de pessoas no âmbito da EPT, tendo em vista os imperativos da contemporaneidade, requer domínio por parte do professor de saber adequar seus métodos de ensino de língua aos propósitos da formação e ao perfil de profissional a ser preparado diante dos desafios hodiernos.

Os dados revelam que há entraves para o ensino da linguagem escrita: falta de material didático, pouco tempo para correção, revisão e reescrita textual, o pouco uso do livro didático e sua inadequação ao local e a escassez de materiais alternativos.

Destaca-se a não fala dos entrevistados a falta de atualização/formação continuada para os docentes. Sabe-se os desafios para se estabelecer ações efetivas para formação continuada de professores são enormes pois as propostas de formação docente são, geralmente, imposta e orientadas a atender às leis do mercado. Esse movimento é causado, segundo Libâneo (2016), pelo contexto da globalização, no qual as agências internacionais impõem um modelo monetário, financeiro, político e educacional aos países em desenvolvimento, como o Brasil.

Todavia, os dados também mostram o papel relevante do professor na mediação do ensino da linguagem escrita uma vez que cabe a ele, com os recursos que têm, propor atividades fazendo uso de uma metodologia diferenciada com vistas a despertar o interesse dos alunos e construir aprendizagens mais efetivas da escrita de textual de acordo com suas reais necessidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste texto, constata-se a importância da abordagem sociointeracionista da linguagem, proposta por Bakhtin e Vygotsky que defendem a essencialidade da linguagem na constituição, no desenvolvimento e na formação do sujeito como um ser social.

Constata-se ainda que historicamente a dualidade educacional se estrutura e se mantém, no seio da sociedade, todavia, no contexto da EPT, o ensino médio integrado apresenta-se como uma alternativa para superar essa dicotomia, pois compreende-se que a concepção de um processo educativo para uma formação integral abrange todas as áreas da vida do aluno, influenciando-o em seu trabalho, sua cultura, sua visão de mundo, perpassando as paredes da escola e ao modificar o aluno, modifica também o mundo que o rodeia.

Nessa perspectiva formativa, no âmbito do ensino profissional e tecnológico o currículo destinado ao ensino integrado deve-se propiciar ao estudante conhecimentos centrados nas categorias centrais para o desenvolvimento humano, conforme discutido no referencial teórico mobilizado neste estudo. Assim, alega-se aqui que os conteúdos linguageiros, científicos, culturais, éticos, são essenciais para a formação do profissional em tempos de reforma dos paradigmas sociais, políticos e econômicos, de modo a torná-lo capaz de se adaptar às novas condições que lhe serão impostas em fases posteriores de sua vida, tanto no que diz respeito ao trabalho quanto a sua interação social.

No presente artigo, nos orientamos na perspectiva de Marx e de seus estudiosos representantes evocados nas discussões e reflexões feitas ao longo do texto. Destacamos o trabalho e a linguagem como categorias decisivas do processo de desenvolvimento humano, posto que elas são essenciais na articulação com a cultura, com a ciência e suas tecnologias.

Ademais refletiu-se sobre o trabalho com os instrumentos linguageiros, os gêneros textuais/discursivos, buscando apreender como eles estão representados no projeto pedagógico e no trabalho de ensino do professor Língua portuguesa. Percebeu-se que a formação profissional centrada no ensino da textualidade para a comunicação, de forma sistematizada, pode levar sujeito a construir sua identidade e ser capaz de atuar mais livremente no processo de interação social que o requer como instrumento de ação sobre a realidade.

Percebe-se que, no currículo integrado sob estudo, há um distanciamento que precisa ser revisto pela instituição entre o que está previsto no PPC/Técnico em Administração e a realidade do ensino nas salas de aula.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. Práticas pedagógicas e ensino integrado. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 52, n. 38, p. 61-80, maio/ago. 2015.

BAKHTIN, Michael. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16.ed. São Paulo: Huditec, 2014.

BAKHTIN, Michael. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fonte, 2006 p. 261-306.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais – Ensino Fundamental – Língua Portuguesa**. Brasília: SEF/MEC, 1997.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 24 de maio de 2019.

BRASIL. **Resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018**. Disponível em: <<http://novoensinomedio.mec.gov.br/resources/downloads/pdf/dcnem.pdf>> Acesso 28 de março de 2019

BRONCKART, J.P. Interacionismo Sócio-discursivo: uma entrevista com Jean Paul Bronckart. Tradução de Cassiano Ricardo Haag e Gabriel de Ávila Othero. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. v. 4, n. 6, 2006. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_6_entrevista_bronckart_port.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

BRONCKART, Jean-Paul. (1996). **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2012.

BULEA BRONCKART, Ecaterina, BRONCKART, Jean-Paul. As representações do agir educacional no quadro do gênero entrevista. *In*: BRONCKART, J.-P.; BRONCKART, E. Bulea. **As unidades semióticas em ação: estudos linguísticos e didáticos na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo**. Campinas: Mercado de Letras, 2017. p. 161-188.

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. *In*: FRIGOTTO, Gaudêncio, CIAVATTA, Maria; RAMOS Marise (orgs). **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 83-105.

CIAVATTA, Maria. **O trabalho docente e os caminhos do conhecimento: a historicidade da educação profissional**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernand. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. 278 p. (Tradução e organização: Roxane Rojo; Glaís Sales Cordeiro).

FRIGOTTO, G. A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, p. 168-194, jan./abr. 2009.

INSTITUTO FEDERAL DO TOCANTINS (IFTO). **Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Administração**. Porto Nacional, 2014c disponível em<<http://www.ifto.edu.br/ifto/colégiados/consup/documentos-aprovados/ppc/campus-porto-nacional/tecnico-em-administracao-integrado-ao-ensino-medio/ppc-tecnico-administracao-integrado-medio-campus-portonacional-1edicao.pdf>>. Acesso em: 19 nov de 2019.

LESSA, Sérgio. **Trabalho e ser social**. 3. ed. Maceió: EUFC/EDUFAL, 1997.

LUKÁCS, GYORGY. O trabalho. *In*: LUKÁCS, G. **Per una ontologia dell'essere sociale**. Tradução de Ivo Tonet. Roma: Riuniti, 1981.

MANACORDA, Mário Alighiero. **História da educação:** da Antiguidade aos nossos dias. Tradução: Gaetano Lo Mônaco. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **A Ideologia alemã.** São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MARX, Karl. **O Capital:** crítica da economia política. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural 1996.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos.** Tradução Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre Educação e Ensino.** Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 46, n. 159, p. 38-62, Mar. 2016.

MOURA, Dante Henrique; LIMA FILHO, Domingos Leite; SILVA, Mônica Ribeiro. Politecnicidade e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 63, p. 1057–1080, 2015.

RAMOS, Marise. Ensino Médio Integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica. In: MOLL, Jaqueline et al. **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo:** desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ROSSI-LANDI, Ferruccio. Uma abordagem da ideologia. Discurso. **Revista do Departamento de Filosofia** da FFLCH da USP, São Paulo, v. 16, p. 131-144, 1987.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos.
Revista Brasileira de Educação. v.12, n.34, jan./abr.2007.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução e
organização: Roxane Rojo. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem.** Tradução Jefferson Luiz
Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2008. [1934].